

O DESAFIO DE ENSINAR FILOSOFIA EM UMA ERA TECNOLÓGICA

JADILSON ALMEIDA VILAS BOAS

Discente | Curso de Licenciatura em Filosofia
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
Campus de Vitória da Conquista | Bahia | Brasil
Contato: jvilasboas50@gmail.com

Resumo: O presente artigo é uma versão do relatório de estágio de observação. O objetivo é relatar os dados obtidos na referida atividade para atender as exigências da disciplina de Estágio II de Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Para além do objetivo prático e imediato, o presente artigo visa expressar a essência do estágio: a aproximar da teoria estudada e a realidade escolar, através da reflexão sobre as práticas observadas e as teorias estudadas.

Palavras-chaves: Estágio. Formação docente. Prática pedagógica. Ensino de Filosofia.

36

1. INTRODUÇÃO

Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo relatar os dados obtidos através da disciplina de Estágio II para Licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, realizado na Escola Estadual Professora Heleusa Câmara, localizada no bairro Recreio, em Vitória da Conquista, Bahia. O objetivo desse estágio foi de aproximar a teoria e a realidade escolar, bem como perceber suas ações e problemáticas, vivenciar os conhecimentos adquiridos durante o VII semestre do curso de Licenciatura, assim como criar possibilidades para refletir sobre quais práticas escolher e como agir no interior de uma instituição de ensino e aprendizagem.

As observações foram realizadas em uma sala de aula cuja regência coube a uma professora da 3ª série do Ensino Médio, no qual foi observado sua prática pedagógica, bem como a sua relação com os estudantes. O presente artigo é uma versão do relatório elaborado no contexto da disciplina Estágio II, sob a responsabilidade da docente Professora Dr^a Edna Furukawa Pimentel. A professora propôs aos discentes do curso de Filosofia que fizessem visitas, de preferência, às escolas públicas da sede do município de Vitória da Conquista com a finalidade de observar como ocorre, na prática, o processo de ensino e aprendizagem de alunas e alunos das séries do Ensino Médio. Desse modo, o objetivo das visitas é relacionar as teorias pedagógicas estudadas na Universidade com a prática docente vivenciada no ato da observação, com a finalidade de fazer uma relação do que foi observado com os teóricos estudados, de modo que seja possível alinhar, enquanto futuros professoras e professores, o nosso aprendizado com as práticas pedagógicas observadas.

Organizamos o texto que se segue em seis tópicos mais as referências, sendo que no primeiro tópico iniciamos com a introdução. No tópico segundo fazemos uma brevíssima apresentação da instituição escolar na qual se deu a observação. No terceiro tópico abordamos sobre os roteiros semiestruturados (I e II). O quarto tópico apresenta a descrição e análise da prática pedagógica. Por fim, apresentamos as considerações finais.

37

2. JUSTIFICATIVA, RELEVÂNCIA E FOCO DO ESTÁGIO

Estágio é o momento no qual os estudantes têm a oportunidade de observar e, ao mesmo tempo aprender na prática, as atividades de aprendizagens adquiridas ao longo do curso de licenciatura. Desse modo, o estágio se traduz como importantíssimo para a formação do profissional da educação, pois é através dele que se dará a formação do educando como um professor em vários aspectos, a saber, investigador, reflexivo, pesquisador, formador de opiniões etc.

Nesse sentido e com esse objetivo, o estágio é um período capaz de produzir conhecimentos, transformar, adaptar a sua prática pedagógica,

assim como aprender a lidar com situações diversas da realidade escolar, ou seja, aquelas situações que não são apresentadas nos livros didáticos, mas sim adquiridas na e pela experiência. Como nos ensina Paulo Freire: “É que ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, sem aprender a refazer, a retocar o sonho” (FREIRE, 1992, p. 79).

Com efeito, o estágio não se traduz apenas como um dever do indivíduo na sua formação como docente, mas também como um direito adquirido previsto em leis, a exemplo da Lei 11.788/08, à qual estabelece, no Artigo 1º:

Art. 1º: Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos.

§ 1º O estágio faz parte do projeto pedagógico do curso, além de integrar o itinerário formativo do educando. § 2º O estágio visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho (BRASIL, 2008).

38

Disso decorre atribuímos importância ao estágio no processo de formação do futuro professor, ou seja, que o estágio faz parte de todas as disciplinas, percorrendo o processo formativo desde o início. Com efeito, entendemos que a construção do conhecimento, para além da teoria, ocorre também na prática, pois “ensinar e apreender só ocorrem significativamente quando decorrem de uma postura investigativa de trabalho” (MANFREDI, 2002, p. 17).

O estágio, como é de sua natureza, permite ao discente que o realiza fazer uma imersão em um espaço de projetos interdisciplinares, cujo objetivo é ampliar a compreensão e o conhecimento da realidade profissional de ensinar e aprender, para além do que é aprendido nos

livros. É nesse sentido que o estágio pode contribuir para a formação do futuro professor de filosofia ao oferecer-lhe condições para inserção prática dos seus alunos em uma experiência filosófica a um só tempo, de ensino e aprendizagem.

3. APRESENTAÇÃO DA ESCOLA

O Colégio Estadual Professora Heleusa Câmara, situado na Avenida Olívia Flores, Bairro Candeias, na cidade de Vitória da Conquista - Bahia, numa escola de Ensino Médio. É uma escola de porte grande, bem iluminada, arejada, com infraestrutura muito boa. No que se refere ao funcionamento da escola, este ocorre nos turnos matutino e vespertino para atender estudantes do ensino médio em tempo integral. Sobre o espaço físico, a instituição possui biblioteca, laboratório, refeitório, teatro, auditório, sala dos professores e quadra de esportes.

4. ROTEIROS SEMIESTRUTURADOS

Nossa abordagem metodológica centraliza sua análise nas práticas pedagógicas, bem como no exercício da profissão docente realizadas em uma sala de aula cuja regência coube a uma professora do 3ª ano do Ensino Médio, no qual foi observado sua prática pedagógica, bem como a sua relação com os estudantes. Desse modo, a metodologia foi sugerida pela Professora Dra. Edna Furukawa Pimentel, no contexto da disciplina Estágio II, momento no qual os estudantes de licenciatura em Filosofia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), têm a oportunidade de observar e, ao mesmo tempo aprender na prática, as atividades de aprendizagens adquiridas ao longo do curso de licenciatura.

39

4.1 Roteiro semiestruturado: instituição escolar - I

Tudo teve início com a aplicação de um roteiro semiestruturado, em forma de questionário, com a finalidade de mapear algumas informações sobre a instituição escolar. A instituição escolar é de porte grande; o funcionamento se dá nos turnos matutino e vespertino, na modalidade do

Ensino Médio Integral. No espaço físico da escola há biblioteca, refeitório, teatro, auditório, sala dos professores e quadra de esportes. Quanto ao *Projeto Político Pedagógico* (PPP), a questão não foi respondida, talvez por motivo da instituição não possuir tal procedimento, mas é apenas uma hipótese. Sobre o planejamento escolar, há funcionamento das atividades complementares (AC's), trabalho coletivo, serviço de reprografia/xerox. As salas de aula são amplas e arejadas, as carteiras são confortáveis, há ventiladores, a qualidade da lousa é boa, existe projetor de mídia na sala.

4.2 Roteiro semiestruturado da observação - II

Sobre o primeiro item do roteiro, cuja pergunta visa a formação do docente, a professora preferiu não responder. No quesito em relação às questões pedagógicas, mais especificamente, sobre a definição dos conteúdos trabalhados em sala, a instituição informou que os mesmos são definidos pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia - SEC/BA, juntamente com a instituição escolar e os docentes. No que se refere ao conteúdo programático, foi sinalizado que o docente tem autonomia para trabalhar outros conteúdos que estão fora da lista dos conteúdos programáticos instituídos pela SEC/BA. E o docente está satisfeito com os conteúdos ministrados em todas as séries do ensino médio, isto é, no primeiro, segundo e terceiros anos.

Quando perguntado sobre como trabalhar os conteúdos sistematizados, a docente afirmou que realiza um planejamento da unidade e das aulas, e que trabalha os conteúdos de forma interdisciplinar com outros campos de conhecimento, por meio de projetos, a saber: mostra científica, envolvendo as áreas de ciências da natureza e ciências exatas, assim como sobre o tema Consciência Negra na área de ciências humanas.

Em relação à metodologia, esta ocorre na modalidade de aula expositiva dialogada, através do uso da sensibilização, problematização e instrumentalização. Há também a prática de se fazer trabalhos em grupo, com breve exposição em cinco minutos, por parte dos estudantes. Foi

possível observar a orientação e a realização da prática de leituras coletiva de textos seguidos de comentários.

Quanto às estratégias de ensino, a professora faz uso de músicas, poemas, filmes, documentários, obras de arte e imagens, bem como júri simulado. Observa-se também a utilização de slides, charges, animações, esquemas na lousa e mapa conceitual. Desse modo, a docente não elege apenas um método ou uma estratégia de ensino, mas variados métodos e estratégias, desde o uso de imagens com base na *Didática magna* de Comenius, quadro comparativo de Herbart, texto coletivo e correções coletivas de Freinet, documentários, filmes e obras de arte. Existem, do mesmo modo, estudos de casos, situações problemas e reportagens, além da produção de vídeos.

Quanto à avaliação, esta ocorre de forma escrita exclusivamente com questões objetivas, mas após a devolução das avaliações aos estudantes, há correção coletiva. Existem outras formas de avaliação, como: vistos nos cadernos, seguidos de correção, atividades em grupo, debates etc. No quesito material pedagógico, foi respondido que não há livro didático e apostilas, mas material em pdf e folhas avulsas.

Considerando que o tempo de uma aula é de 50 min e como ocorre o seu desenvolvimento em sala, a professora respondeu que prioriza o tempo da aula com trabalhos em grupo. Isso acontece pelo motivo de alguns fatores externos interferirem no tempo da aula, tais como: muitos avisos e informes, além da dispersão dos alunos.

41

5. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

As observações feitas durante a prática pedagógica da professora em sala de aula constituem uma forma relevante e tem grande importância na formação de professores, pelo fato de constituir momentos significativos exigidos nos estágios curriculares da formação docente. Desse modo, a percepção do que acontece nos ambientes de ensino se traduz como uma das principais formas de o futuro professor ter uma noção e formar uma opinião sobre a prática docente. Nesse sentido, com foco nos aspectos que constituem as observações exigidas nas etapas de cada estágio curricular, nota-se a necessidade de uma atenção especial em vista à

relevância das mesmas para o bom andamento do estágio e para a elaboração do posterior relatório acerca do estágio. Para tanto, a nossa postura como observador, conforme orientação da Professora Dra. Edna Furukawa Pimentel, se deu na forma de *observação não-participante* na qual o observador atua distante do observado e, nesse caso, sem integrar-se à situação em que está envolvido.

5.1 Observação de práticas pedagógicas em sala de aula

As observações ocorreram em duas salas de aula da 3ª série do Ensino Médio, 3º A e 3º F, na Escola Estadual Professora Heleusa Câmara, no dia 16 de outubro de 2025, quinta-feira pela manhã. No dia da observação, a primeira e segunda aulas, na turma do 3º A, iniciaram às 7h30min e finalizaram às 9h5min, pois se tratava de aulas geminadas. A terceira aula, na turma do 3º F, iniciou às 9h10min e finalizou às 10h00, pois os estudantes saíram para lanche. Após 20 minutos de intervalo, retornamos para a mesma sala de aula, 3º F, para continuarmos a segunda parte da aula. Desse modo, a nossa observação se deu num total de quatro aulas, cada aula com duração de 50 minutos. A turma do 3º A é composta de vinte e dois estudantes, sendo nove mulheres e treze homens, com a mesma faixa etária, entre 17 e 18 anos.

Às 7h30min a professora entrou na sala de aula e cumprimentou os alunos e disse o meu nome e o propósito de eu estar ali. Porém nem todos responderam. Em seguida, foi feita a chamada com o objetivo de registrar a presença/ausência de cada estudante, para isso a professora usou o aparelho celular. Fato curioso se deu naquele momento: alguns alunos estavam sentados sobre a carteira; outros lendo um texto sobre a aula; outros conversando sobre assuntos diversos, mas que não se relacionavam com o conteúdo da aula. A professora iniciou a aula, a qual estava planejada no notebook, e solicitou ajuda de alguns alunos para ligar o *data-show*. Após o início da aula, alguns alunos foram chegando e se sentaram em seus lugares.

O conteúdo ministrado nesse dia foi uma continuação da aula do dia anterior, cujo tema era: Ética e Política Contemporânea. O plano de aula estava dividido por eixos temáticos, conforme anexo. O conteúdo

abordado pela professora na aula anterior, Eixo 1: Ética e Política, foi retomado e exposição teve início a partir da teoria de Aristóteles na obra *Política*, fazendo relação com a teoria de Maquiavel na obra *O príncipe*. Em seguida foi abordado, Eixo 2: Contratualismo: Hobbes, Locke e Rousseau e suas respectivas obras, a saber, *Leviatã*, *Segundo tratado sobre o governo* e *Do contrato social*.

Dando continuidade à aula, a professora apresentou o Eixo 3: Iluminismo e Racionalismo Moderno: Voltaire, Kant, Descartes. Sendo que do filósofo Voltaire não foi citada a obra; de Kant citou o termo *Esclarecimento* e Descartes citou a obra *Discurso do método*. A professora passou então para o Eixo 4: Filosofia Contemporânea: Marx, Escola de Frankfurt, Existencialismo. Na exposição sobre Marx foi citada a obra *Manifesto comunista*; sobre a Escola de Frankfurt: Adorno e Horkheimer e o Existencialismo de Sartre, não foi citada nenhuma obra, apenas o termo *Existencialismo*.

Ainda sobre a aula anterior, a professora disponibilizou aos alunos um estudo dirigido no qual os alunos preenchiam um Quadro Comparativo - Ideias Filosóficas, com palavras-chave sobre o conceito de *virtude, poder, contrato, liberdade, razão, direitos e crítica*. Nessa dinâmica pedagógica durante a aula, a professora mostrou o quadro-resumo exposto no *data-show* e, ao mesmo tempo, fazia perguntas direcionadas aos alunos sobre o conteúdo ensinado anteriormente. No entanto, os poucos alunos que participavam da aula, respondiam às perguntas anotadas no caderno; outros alunos não se mostravam interessados em participar da aula, pois estavam envolvidos em conversas paralelas sobre assuntos do cotidiano pessoal.

Durante a discussão, a professora insistia em pedir silêncio para dar continuidade à aula, mas nem sempre era ouvida, ou quando o silêncio se fazia presente não durava mais que alguns minutos. Destacamos que, a estratégia de ensino usada pela docente durante a aula se remete às contribuições teóricas do pensamento de Johann Friedrich Herbart (1776-1841) para a educação. Ou seja, o quadro comparativo como estratégia de ensino herbartiana permite ao professor fazer o seu uso para guiar os alunos na identificação visual e estruturada de semelhanças e diferenças ente conceitos, teorias, eventos históricos, etc. Desse modo, pode facilitar

a relação do novo conhecimento (aquele apresentado) com o conhecimento prévio (preparação), que Herbart chamava de apercepção.

Em seguida, a professora exibiu uma imagem no *data-show* que mostrava o assassinato da atriz Daniele Perez, ocorrido em 28 de dezembro de 1992, no Rio de Janeiro, fazendo relação com a política e a moral na contemporaneidade. À medida que a professora exibia às imagens, solicitava aos alunos que falassem sobre o fato ocorrido e sua relação com a o conteúdo estudado anteriormente, isto é, com a moral e a política e seus teóricos. Durante essa estratégia pedagógica, alguns participavam, porém, de forma muito tímida, sem aprofundamento sobre o tema, e justificavam dizendo que não sabiam sobre o assassinato da atriz e, diante disso, seria complexo emitir opinião relacionado ao homicídio com as teorias estudadas.

Nessa estratégia de ensino, percebemos uma vinculação com a pedagogia moderna defendida por Comênio em sua obra *Didática magna*, livro publicado em 1649, no qual o autor afirma que a *metodologia de ensino* deve assumir a condução das ações do professor nas instituições escolares. Em poucas palavras, é em virtude da importância conferida ao também professor e não apenas ao método de ensinar que o pensamento de Comênio ganha interesse no campo da Educação. Mesmo que, “a despeito da imagem comeniana já consolidada em torno da aposta excessiva no método de ensino, há na obra em questão, *Didática magna*, um destacável lugar para o professor, para a voz ou a enunciação do mestre” (BATISTA, 2017, p. 257).

Mas, algo chamou a nossa atenção durante todo o tempo da aula: o uso do aparelho celular, mesmo sendo proibido pela Lei Federal, me surpreendeu. A Lei Federal dispõe sobre a utilização, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoal nos estabelecimentos públicos e privados de ensino da educação básica. O artigo 2º, § 1º da Lei Federal nº 15.100, de 13 de janeiro de 2025, estabelece que “Fica proibido o uso, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais durante a aula, o recreio ou intervalos entre as aulas, para todas as etapas da educação básica. § 1º Em sala de aula, o uso de aparelhos eletrônicos é permitido para fins estritamente pedagógicos ou didáticos, conforme orientação dos profissionais de educação” (BRASIL, 2025). Diante disso, pode-se afirmar

que a sala de aula não é mais caracterizada como ambiente em que alunos permanecem, passivamente, assistindo ao professor como meros espectadores, sem nenhum direito à interferência ou contribuição na construção de seus conhecimentos.

A própria *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC) recomenda que a sala de aula seja colaborativa, que os alunos possam desempenhar o papel de protagonismo quando de sua participação das práticas em sala de aula. No entanto, embora haja um momento acolhedor para o uso do aparelho celular nas salas de aula da educação básica, este mesmo aparelho se torna um convite em potencial para tantos ambientes sociais e, dessa forma, converte-se numa verdadeira ameaça ao transcorrer natural das aulas.

Na segunda parte da aula, pois se tratava de aula geminada, e depois de debaterem sobre o conteúdo, a professora escreveu na lousa solicitando aos alunos que se reunissem em grupos com foco nos eixos temáticos 1, 2, 3 e 4 escolhidos de forma aleatória. No entanto, somente um grupo seguiu às instruções da professora e, os demais, além de não se reunirem para a discussão sobre o tema, faziam uso sistemático do aparelho celular sem alguma conexão com o conteúdo da aula.

45

Depois de algum tempo, a professora pediu que os grupos fizessem a exposição dos conteúdos de acordo com o eixo temático escolhido. Nesse momento, alguns grupos precisaram da ajuda da professora no sentido de esclarecer sobre alguns pontos presentes nos textos. Assim, a professora optou por atender cada grupo separadamente esclarecendo sobre as dúvidas dos alunos. Mais uma vez percebi que os alunos saíam da sala de aula sem pedir permissão à professora, e quando retornavam não se inteiravam sobre a dinâmica da aula. Eles preferiam continuar usando o aparelho celular sem se preocupar com os conteúdos ministrados, enquanto a aula acontecia de forma “natural”. Às 9h5min a campainha da escola sinalizou: era o final da segunda aula. Assim, saímos para outra sala de aula.

A terceira aula aconteceu na sala da 3º série F. A professora ao entrar na sala de aula cumprimentou os estudantes, falou quem eu era e porque eu estava ali. Ao iniciar a aula, foi feita a chamada com o uso do aparelho celular, como na turma anterior, a fim de registrar a

presença/ausência dos estudantes. Percebi que nessa turma, a metodologia aplicada foi semelhante à aula da sala anterior (3º série A). O conteúdo discutido na sala de aula foi o mesmo disponibilizado para a turma do 3º A. Desse modo, a professora pediu para os alunos se reunirem em grupos para debaterem sobre os assuntos ministrados na aula anterior.

A professora fez a leitura do texto de forma coletiva e solicitou aos alunos que falassem sobre as palavras-chave contidas no texto e relacionassem com a teoria filosófica de cada filósofo estudado. Nessa sala, no entanto, percebi que boa parte dos alunos se comportaram mais focados na dinâmica da aula comparada à turma anterior. Porém, um aluno de nome Davi me chamou a atenção: ele é autista. Mas, participa das aulas normalmente desenvolvendo as atividades pedagógicas, inclusive em grupo. Percebi, então, que Davi não sofria *bullying* por parte dos colegas, pois se comunicava com todos da sala de aula sem maiores problemas. No entanto, durante o desenvolvimento das atividades, alguns alunos faziam uso do aparelho celular e conversavam sobre notícias que não faziam relação com os conteúdos ministrados pela professora. Esta, contudo, não chamava a atenção dos estudantes quanto ao uso do celular.

No entanto, durante a aula, a sala recebeu a visita de duas alunas da UFBA, convidando-os a participarem de aulas gratuitas de preparação para o ENEM. A professora aproveitou o momento e reforçou a participação de todos/as por se tratar de um momento importante nos preparativos para as provas do *Exame Nacional do Ensino Médio*. Após os avisos, a aula prosseguiu com a professora dando visto nas atividades propostas aos alunos na aula anterior. Fato curioso foi percebido: nem todos os alunos fizeram a atividade. A professora, no entanto, não fez nenhum registro escrito daqueles alunos que não fizeram a atividade.

No horário de 9h50min, a campainha da escola tocou e saímos para o lanche. Após algum tempo, retornamos à sala de aula para dar continuidade a aula. Esta reiniciou às 10h20min com correção, de forma oral, das atividades iniciada na aula anterior. A atividade era: Ideias filosóficas. Cada grupo fazia a exposição dos conteúdos articulando as palavras-chave com o eixo temático e as ideias de cada filósofo.

Nessa estratégia, a professora ouvia cada grupo e, em seguida, fazia algumas considerações sobre a exposição dos componentes das equipes.

Entretanto, os demais grupos não prestavam a devida atenção aos colegas que faziam a exposição dos conteúdos, pois alguns liam livros que não tinham relação com a temática da aula, enquanto outros permaneciam usando o aparelho celular. Por volta das 10h35min uma pessoa da direção pedagógica pediu permissão à professora para entrar na sala de aula, pois precisava registrar a presença dos alunos para um programa social federal, a saber: bolsa presença que é um incentivo de R\$ 150,00 mensais aos alunos do ensino médio para continuarem frequentando a escola. Após esse procedimento, a aula foi retomada pela professora que continuou fazendo os atendimentos aos grupos e esclarecendo as dúvidas que surgiam durante o processo pedagógico.

Depois dessa estratégia, a professora compartilhou um texto via grupo de *whatsapp* para que os alunos fizessem a leitura e relacionasse com cada eixo temático. Esse procedimento foi realizado durante a aula. Contudo, apesar do esforço da professora em aplicar mais uma estratégia envolvendo todos os alunos, percebi que essa dinâmica atingiu apenas dois grupos dentre os sete formados, pela simples razão: os grupos preferiram conversar livremente sobre assuntos pessoais entre eles. O curioso é que a professora não tomou nenhuma atitude com relação ao comportamento daqueles grupos de alunos que conversavam sobre assuntos distantes dos conteúdos trabalhados em sala de aula. Após esse procedimento, o relógio já marcava 10h55min, o sinal da escola e a aula foi encerrada.

47

5.2 O papel do professor de filosofia: sua prática pedagógica

Após as observações feitas em sala de aula, algumas questões se impõem: qual o papel do professor de filosofia no ensino básico? O que ensinar em filosofia? Como ensinar? Quais as estratégias? Como avaliar?

Diante de tais questionamentos sabemos, por um lado, que a presença da filosofia na escola não é um empreendimento tranquilo, e que o papel do professor, por outro, se torna a cada dia de suma importância na condução de sua prática em sala de aula. Vejamos brevemente como o professor e pesquisador Sílvia Gallo, da Faculdade

de Educação da Unicamp, caracteriza a presença da disciplina de filosofia na política educacional:

Muitos são os obstáculos a serem superados para que essa presença seja possível; sobretudo porque, quando uma instituição opta por incluir filosofia em seu currículo ou quando uma política educacional dispõe sobre a inclusão da filosofia nos currículos escolares, isso se faz em nome de uma filosofia e em nome de certas intenções para com a filosofia. Dizendo de outra maneira, quando está na escola, a filosofia ali está para atender a determinados interesses, para cumprir uma necessidade ‘ideológica’ (GALLO, 2012, p. 27).

No contexto de uma filosofia, concebida como disciplina e voltada em boa parte ao atendimento do currículo em conformidade com a ideologia de mercado, o que vemos é o conteúdo da filosofia deslocado da vida e do cotidiano dos alunos. No entanto, o tipo de trabalho que se defende é aquele que evidencia o ensino de filosofia não na mera transmissão de conteúdo ou a transposição daquilo que é conhecido pelo docente no âmbito das políticas de ensino gestadas nas secretarias de educação, mas uma filosofia que se pratica nas salas de aula.

Outra forma de compreender essa relação é pensar sala de aula como lugar em que o professor aparece como instância através da qual há uma possibilidade de mediação da compreensão dos alunos do que é a filosofia, uma vez que esse entendimento possa criar caminhos que ajudem a orientar as práticas pedagógicas e as escolhas que serão feitas. Desse modo, para além da explicação dos conteúdos a serem ministrados em sala de aula priorizando tão somente aqueles que tomam a história da filosofia como *centro*, isto é, que consideram a abordagem histórica no ensino de filosofia como ponto central, é importante pensar que trazer o interesse dos alunos para as aulas é buscar alternativas que possam dialogar com a cotidianidade dos alunos, ou seja, “é a aproximação que se possa fazer das questões a serem tratadas e nossas vidas, nossa realidade” (ASPIS; GALLO, 2009, p. 76). Ou como nos lembra, é preciso pensar a sala de aula como lugar de resistência, pois o ensino de filosofia “que se pratica nas salas de aulas, entre quatro paredes, no âmbito do pequeno,

como resistência, como produção de algo que se coloca para além e para alguém das grandes políticas” (GALLO, 2012, p. 26).

Desse modo, cabe ao professor de filosofia mostrar aos alunos que a filosofia, desde o seu nascimento com Sócrates, na Grécia do século V e IV a. C., trata das “questões humanas mais fundamentais e que estas são exatamente aquelas com as quais nos debatemos quando não estamos por demais tomados pelo corre-corre do cotidiano” (ASPIS; GALLO, 2009, p. 77). Com efeito, procedendo dessa maneira seria possível aumentar o interesse dos alunos pelos temas filosóficos. Ademais, caso o professor de filosofia conseguir trazer imagens e textos que não foram produzidos com a finalidade filosófica, mas que tenham conteúdos que possam auxiliar à elaboração da questão a ser estudada, isto, certamente, poderá contribuir para um maior interesse dos alunos.

Não é desconhecido pelos professores de filosofia de um modo geral e, por diversos motivos adicionais, que a disciplina de filosofia cada vez menos desperta interesse pelos jovens e, conseqüentemente, pela escola. Um dos motivos é a crescente atração que os avanços tecnológicos do mundo contemporâneo exercem nos jovens e, desse modo, a tradicional estrutura da escola – projetada em outro tempo e para atingir outros objetivos –, se torna desatualizada diante do mundo tecnológico.

É claro que não é apenas a mudança na estrutura física do prédio que fará uma revolução. Algumas questões, ante o cenário atual, também se impõem: como competir com todas as seduções do mundo tecnológico no momento e na hora de ensinar? Como proceder para tornar as aulas mais dinâmicas aumentando a participação e a motivação dos alunos? E mais: em “tempos hipermodernos”, onde está o tempo para a leitura, o tempo para a reflexão? Será o tempo em que vivemos propício ao exercício filosófico? São questões relevantes para todas as áreas de conhecimento, mas sobretudo para a filosofia, cuja tradição é essencialmente livresca.

Em sala de aula, docentes de Filosofia atualizando a sua compreensão que possuem do que é a Filosofia, pode se tornar um meio significativo no processo de reflexão por parte dos discentes, ou seja, no processo de ensino e aprendizagem é possível abrir possibilidades para que cada docente volte para sua própria prática e, com isso, seja capaz de

aproximar a filosofia da vida dos seus alunos. Procedendo dessa forma, pode criar horizontes de aproximação da filosofia da vida prática dos alunos para que eles saibam que “o estudo da filosofia está diretamente ligado ao tratamento dos problemas humanos. Também para que percebam que os grandes problemas da *história da filosofia* continuam sendo nossos problemas” (ASPIS; GALLO, 2009, p. 77).

Portanto, o papel do professor de filosofia, longe de ser uma relação de apatia diante do cenário social da inutilidade da filosofia, deve voltar-se à tarefa de enfrentar os diversos problemas que aparecem em seu dia a dia. Dessa maneira, imaginamos ser possível um ensino de filosofia para jovens que seja capaz de dialogar com os problemas do mundo. Um ensino que possa suscitar o desenvolvimento de reflexões e estas sejam janelas para abertura de novos horizontes em suas vidas. Sabemos, no entanto, que o trabalho do docente de filosofia se torna cada vez mais dissociado da ciência, da lógica do mercado, do *marketing* etc., e isso torna o ensino de filosofia como uma espécie de inutilidade, pois sem nenhuma relação com as seduções tecnológicas contemporâneas.

É diante dessas preocupações que o professor de filosofia tem como mote apresentar aos jovens o estudo da filosofia e proporcionar-lhes oportunidades de se aproximarem de uma outra forma de pensar os problemas do mundo. É preciso engajar os jovens no estudo da filosofia a partir das suas próprias questões, a partir dos problemas da vida hoje, atual e apresentar “filosofias criadas na história, ensinar a lerem os textos dos filósofos, ensinar a reconhecerem como se compõe os discursos, como a filosofia opera uma síntese da cultura em cada época” (ASPIS; GALLO, 2009, p. 15).

Em poucas palavras, é preciso que o professor de filosofia busque mecanismos para encorajar os jovens a se encantarem pelo estudo filosófico, a criar ensaios de filosofia em resposta a seus problemas. À instituição escolar fica reservado o *locus* no qual o ensino de filosofia possa se fazer sistemático, mas ao mesmo tempo, libertador das amarras do mercado consumidor, da lógica capitalista que transforma liberdade em escravidão ao cercear o tempo do ser humano a uma mera

mercadoria de consumo. Afinal, sabe-se que o pensamento é um exercício de paciência.

5. CONCLUSÃO

O presente artigo, ao resumir o relatório, das observações em uma escola pública de Ensino Médio, demonstrou a relevância do estágio no processo de formação do futuro professor. O estágio não é apenas um requisito legal, mas um momento crucial para o estudante observar e aprender, através da observação da prática cotidiana, aspectos que estão ligados à sua formação profissional. A experiência na Escola Estadual Professora Heleusa Câmara permitiu aproximar a teoria acadêmica – estudada na Universidade –, da realidade escolar, vivenciando os conhecimentos adquiridos e possibilitando uma reflexão profunda sobre as escolhas e ações no ambiente de ensino e aprendizagem.

A observação das práticas pedagógicas em duas turmas da 3ª série do Ensino Médio revelou uma variedade de metodologias utilizadas pela docente, incluindo a aula expositiva dialogada, trabalhos em grupo, uso de mídias como filmes e documentários, e júri simulado. Essa diversidade demonstra um esforço em não eleger um único método, buscando inspiração em teóricos como Comênio, Herbart, Freinet, Saviani, entre outros. Os conteúdos trabalhados, previamente definidos pela SEC/BA, deixa certa autonomia para o professor incluir temas adicionais. O planejamento das aulas era realizado no *notebook*, e o recurso visual do *data-show* foi utilizado para apresentar o plano de aula e exibir imagens para problematização do tema.

Apesar do esforço metodológico da professora, um dos desafios mais evidentes durante a observação foi a dispersão e a baixa participação de grande parte dos estudantes, com muitos envolvidos em conversas paralelas ou no uso sistemático do aparelho celular. Mesmo sendo uma prática que pode ser permitida para fins estritamente pedagógicos, conforme a Lei Federal nº 15.100/2025, o uso do celular se tornou uma ameaça ao transcorrer natural das aulas, desviando o foco do conteúdo. Essa situação levanta questões sobre como o professor de filosofia pode competir com as sedução do mundo tecnológico e tornar as aulas mais

dinâmicas, combatendo a percepção de que a filosofia é uma disciplina inútil ou desconectada da realidade juvenil.

O papel do professor de filosofia, nesse contexto, transcende a mera transmissão de conteúdo ou a centralização na história da filosofia. É fundamental que o docente crie caminhos para que os alunos compreendam o que é a Filosofia e, principalmente, que a discipline se relacione com suas vidas e cotidianidade. Trazer imagens e textos não filosóficos que contribuam para a reflexão sobre questões humanas fundamentais é uma estratégia que pode aumentar o interesse e a motivação dos alunos. O professor deve encorajar os jovens a se encantarem pelo estudo filosófico, confrontando os problemas do mundo atual e as questões da vida prática, para que eles percebam que os grandes dilemas da história da filosofia continuam sendo os nossos.

Em suma, a observação permitiu constatar que a prática pedagógica do professor de filosofia deve ser um exercício constante de atualização e engajamento: é um desafio ensinar filosofia em uma era tecnológica. A escola, como *locus* privilegiado, deve proporcionar um ensino sistemático, mas também libertador, que se oponha à lógica capitalista e do mercado. É um desafio para o docente de filosofia enfrentar a apatia e a distração contemporânea, mas é imperativo buscar mecanismos que possam suscitar a reflexão e a criação de novos horizontes na vida dos alunos. O futuro professor deve, portanto, alinhar seu aprendizado teórico com as práticas observadas, focando em uma filosofia que dialogue com a juventude e que estimule o pensamento como um exercício de paciência e de engajamento com o mundo.

52

REFERÊNCIAS

ASPIS, Renata Lima; GALLO, Sílvio. **Ensinar filosofia**: um livro para professores. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 2009.

BATISTA, Douglas Emiliano. A didática de Comênio: entre o método de ensino e a *viva voz* do professor. **Pro-Posições**, v. 28 (Supl. 1) Sep-Dec. 2017, p. 256-276.

BRASIL. Lei nº 15.100, de 13 de janeiro de 2025. Dispõe sobre a utilização, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoal nos estabelecimentos públicos e privados de ensino da educação básica. Brasília, DF: Presidência da República, 2025. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2025/lei/15100.htm.

Acesso em: 20 nov. 2025.

BRASIL. LEI Nº 11.788, DE 25 DE SETEMBRO DE 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes. Brasília, DF. set. 2008. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111788.htm.

Acessado em: 24 nov. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GALLO, Sílvia. **Metodologia do ensino de filosofia**: uma didática para o ensino médio. Campinas: Papirus, 2012.

MANFREDI, Sílvia Maria. **Educação profissional no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.

53

JADILSON ALMEIDA VILAS BOAS

<http://lattes.cnpq.br/9052202424874205>